



O Chile a vida pós-terremoto **Vídeodocumentário: *Arriba Chile*¹**

Bruno Gecys DE SÁ

Leticia Manna BORN²

Murilo Roberto REZENDE

Rahal Ahmad RAHAL

Vanderlei DIAS³

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Os desastres naturais são fenômenos que podem acarretar consequências estrondosas para as pessoas diretamente afetadas por eles. No caso do terremoto com epicentro na região sul do Chile, ocorrido em 27 de fevereiro de 2010, foram 521 mortos e mais de 800 mil desabrigados. Para além dos simples números, um estudo acerca da cobertura jornalística internacional e a capacidade de recuperação após um desastre são elementos apresentados no trabalho; e no videodocumentário *Arriba Chile*, as histórias dos chilenos são contadas e as consequências humanas são exploradas.

PALAVRAS-CHAVE: Chile; jornalismo internacional; desastre natural.

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Documentário, Modalidade Vídeo.

² Líder do grupo, e-mail: leticia.born@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo, e-mail: vanderlei@mackenzie.com.br



1. INTRODUÇÃO

No ano de 2010, o mundo foi confrontado com dois grandes eventos naturais: os terremotos no Haiti, em janeiro, e no Chile, em fevereiro. Com foco no terremoto ocorrido no Chile, o objeto de estudo do trabalho é mostrar como um desastre natural afeta o cotidiano dos envolvidos. Para sua realização, foi feito um estudo sobre o jornalismo internacional e suas especificidades, com um olhar especial voltado à cobertura de eventos inesperados; uma análise da predisposição geográfica do Chile para terremotos, assim como um apanhado da situação atual do país e os desdobramentos do abalo sísmico, ocorrido em fevereiro de 2010; e, por fim, uma pesquisa sobre as linguagens e narrativas próprias dos vídeodocumentários.

Apesar do terremoto ocorrido no Chile ter sido de 8.8 graus na escala Richter⁴ e o do Haiti, de 7, o país caribenho sofreu mais com as consequências. Como Marcelino (2008, p.15) afirma, uma condição sócio-econômica inferior interfere nas consequências de um grande desastre. O jornal *Correio Braziliense* explora essa diferença econômica entre os países:

A diferença evidente entre Santiago e Porto Príncipe, baseia-se no fato de que o Chile pode mobilizar rapidamente milhares de soldados no terreno, ao contrário do Haiti, à mercê da ajuda internacional. [...] As perdas totais (*para o Chile*) seriam, no mínimo, de 15 bilhões de dólares, segundo a empresa de consultoria americana, Air, e de até 30 bilhões de dólares, segundo outra, a Egecat. Isso poderia significar uma perda de 10% do Produto Interno Bruto chileno. (CORREIO BRAZILIENSE, online, grifo nosso).

Mas o Chile também sofreu com as consequências, apesar de ser um dos países mais desenvolvidos da América Latina e ser considerado forte no estudo da sismologia⁵. O pioneirismo nessa área de estudo se deve, em grande parte, ao *Grande Sismo de 1960*⁶. O terremoto, ocorrido no Chile em 1960, registrou 9.5 graus na escala Richter. Naquele ano, cerca de 1.655 pessoas morreram e 3.000 ficaram feridas⁷. O país se viu desafiado a reconstruir rapidamente os estragos, já que em 1962 a Copa do Mundo de Futebol seria realizada ali.

⁴ A escala Richter foi criada em 1935 no Instituto de Tecnologia da Califórnia, nos Estados Unidos, para medir os tremores de terra. Os terremotos podem ser classificados de 0 a 9 graus, dependendo de sua intensidade ou magnitude sísmica.

⁵ O Serviço Sismológico do Chile foi criado em 1908 com a contratação do sismólogo francês Fernand Montessus e hoje, o Departamento de Geofísica da *Universidad de Chile*, em Santiago, é uma referência para os estudos em sismologia.

⁶ No dia 22 de maio de 1960, o maior terremoto, ocorrido não só na América do Sul, mas em todo o mundo, foi registrado no Chile. O epicentro do abalo de 9.5 graus na escala Richter, ocorreu na cidade de Valdivia, localizada a 749 km da capital, Santiago.

⁷ Dados do Serviço Geológico dos Estados Unidos, o USGS.



Após o grande tremor de fevereiro de 2010 no Chile, muitas pessoas tiveram suas vidas completamente alteradas em poucos minutos. O epicentro do abalo foi no mar, a 59,4 km de profundidade, na região de Maule, no centro do país e a 300 km ao sul da capital, Santiago. A cidade mais afetada foi Concepción.

Grande parte da população chilena se viu novamente desafiada a reconstruir o país. Pessoas humildes, como por exemplo, o aposentado Luís Fajuri, encontraram dificuldades para recomeçar a vida. ““Não tenho como consertar tantos estragos. Na hora tudo veio abaixo: o teto, os azulejos, os quadros e o chão começou a rachar”, relatou o aposentado ao jornal Meio Norte. ‘Quanto vai custar tudo isso? Não tenho para onde ir nem dinheiro. Preciso realmente de ajuda’” (MEIO NORTE, online).

O desastre ocorrido no Chile teve ampla cobertura jornalística, o que reforçou a necessidade de estudar o jornalismo internacional. Hoje em dia, o acesso às notícias internacionais e a cobertura de tragédias acontece de forma rápida, devido às agências de notícias e às novas tecnologias, que permitem o encurtamento das distâncias. Porém, esses aspectos não descartam a preocupação “mercantilista”, advinda a partir dos séculos XIX e XX dos grandes noticiários, em baixar os custos da produção:

Nos últimos duzentos anos, (*temos*) atravessado um processo em que se incorporaram à imprensa novas tecnologias, sem que, no entanto, sua racionalidade como prática social tivesse sofrido transformações fundamentais. Em outras palavras, as informações vindas de países estrangeiros passaram a chegar cada vez mais depressa. (NATALI, 2007, p. 29, grifo nosso)

Ou seja, de acordo com Natali, os processos se tornaram menos complicados “mas a notícia continuou a ser um produto de consumo dentro de um mercado que hoje funciona de acordo com normas.” (2007, p. 29). Isso pode explicar porque a cobertura de um grande desastre, assim que acontece, é imediata e ampla, mas após alguns meses, a continuidade do correspondente ou repórter no local da tragédia se torna inviável, afinal esses custos extrapolam as tais normas de mercado.

Por isso mesmo, a cobertura jornalística é momentânea, e o tema já não está mais em pauta. O objetivo, justamente, do documentário *Arriba Chile* é resgatar isso e conhecer as pessoas que não puderam dar seus depoimentos e que tenham histórias interessantes para contar.



2. OBJETIVO

O foco deste trabalho é mostrar como um desastre natural interfere na rotina de parte dos chilenos, que, apesar de já estarem acostumados aos terremotos, são obrigadas a reagir e recomeçar suas vidas. Mostrar quais foram os avanços conquistados pelos agentes envolvidos neste processo de recuperação (ONGs, governo, indivíduos) e ouvir as histórias de alguns dos chilenos também são os objetivos deste vídeodocumentário.

3. JUSTIFICATIVA

A justificativa deste trabalho está centrada na vontade de ultrapassar a divulgação em excesso dos números decorrentes do terremoto e a cobertura midiática tradicional, ao explorar as reais histórias e experiências dos envolvidos.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na elaboração do vídeodocumentário, a gravação dos depoimentos não foi a primeira etapa. Para entender melhor o trabalho, foi necessário, além do estudo sobre o jornalismo internacional e a evolução dessa área nos últimos anos, uma análise da história e predisposição do Chile para os terremotos. A geografia, engenharia sísmica e terremotos mais marcantes, também foram estudados.

Para finalizar a base teórica, também foi realizada uma leitura da situação pontual em que o Chile se encontrava, desde que o terremoto do dia 27 de fevereiro de 2010 ocorreu. A base teórica foi fundamental para desenvolver o projeto do vídeodocumentário.

Além disso, foram analisados documentários já realizados, para assim, o grupo construir um entendimento da linguagem desse tipo de mídia, como noções de enquadramento, trilha sonora e fontes que devem ser buscadas. Para Bill Nichols, essas características são fundamentais para a construção de um documentário, mas as palavras e os argumentos também são essenciais, às vezes, até mais do que as imagens:

Muito desse poder de persuasão vem da trilha sonora do documentário, ao passo que muito da nossa identificação com um mundo fictício e seus personagens depende das imagens que temos deles. Os argumentos exigem uma lógica que as palavras são mais capazes de transmitir do que as imagens. Às imagens faltam o tempo real e uma forma negativa, por exemplo. (NICHOLS, 2005, p. 59)



O desenvolvimento deste processo teórico foi o primeiro passo para que pudesse ser realizada a parte prática. Uma viagem para o Chile foi feita, com atenção especial às cidades chilenas mais afetadas pelas consequências do abalo sísmico. E através de observações e pesquisas, foi realizada uma série de entrevistas com os envolvidos pelo terremoto e uma análise de como a vida deles mudou. Essa foi a etapa do “campo”, baseada na construção de uma narrativa que valorizasse o caráter pessoal e humano. A proposta cumprida foi a de que os personagens falassem para um interlocutor – repórter –, relatando a experiência que passaram, como explora Bill Nichols em seu *Introdução ao documentário*:

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entra em cena, varia de filme pra filme, mas a ideia de representação é fundamental em um documentário. (NICHOLS, 2005, p. 30)

Após a definição da metodologia utilizada, da pesquisa bibliográfica e da gravação das entrevistas e imagens, o processo de edição concluiu o trabalho, com a criação de uma peça jornalística, o documentário.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Em fevereiro de 2010, o terremoto de 8.8 graus na escala Richter aconteceu. Uma das integrantes do grupo, a Leticia, preocupada com os familiares que moram em Santiago começou a falar sobre isso e desabafar com o grupo. Depois de mais discussão, percebemos então que este seria o tema. Como famílias se recuperam – psicologicamente e financeiramente – após um desastre natural de grande porte? Como poderíamos expor o turbilhão de pensamentos e sensações que começa a fazer parte daqueles afetados pela situação?

Após a pesquisa bibliográfica e na internet, começamos a delinear como seria o documentário e a traçar nosso roteiro para a viagem. Para isso, nos reunimos em junho com o chileno Ricardo Montero, responsável pela área de comunicação da filial brasileira da ONG *Un techo para Chile*, que atuou na recuperação dos afetados pelo terremoto.



Chegamos em Santiago no dia 3 de julho de 2010 e logo no dia seguinte, partimos rumo a Concepción, uma das cidades mais afetadas pelo tremor. Assim que chegamos, o que encontramos nos impressionou: uma cidade completamente afetada pelos tremores. Prédios derrubados, asfaltos danificados e marcas de demolição espalhadas pela cidade. Para completar, como chegamos em um domingo, o comércio estava fechado, o tempo fechado e o clima de melancolia pairava no ar. Registramos tudo que podíamos.

No dia 5 de julho de 2010, fomos até a sede da ONG *Un techo para Chile*, nos encontramos com Bernardita Aspillaga, assistente de comunicação que nos acompanhou até a cidade de Penco, cidade costeira, distante cerca de 15 km de Concepción. A cidade foi totalmente atingida pelos tsunamis que ocorreram logo após o abalo de fevereiro. Neste dia, fizemos duas entrevistas: Moisés Rodrigo Saavedra Gayozo e Cláudio Henríquez Muñoz, e capturamos imagens da destruição. No dia seguinte, voltamos à mesma cidade para gravar com Carolina Riveros Carrera, mãe de uma menina de três anos. De lá, fomos até a sede do *Techo*, em Concepción, e nos encontramos com a próxima entrevistada, Marcela Muñoz Aguoyo, que nos levou até sua casa em Talcahuano onde nos concedeu uma entrevista. A conversa foi difícil e emocionante. Marcela perdeu absolutamente todos os seus pertences por conta do terremoto e luta para conseguir reaver sua rotina.

No dia seguinte, partimos para Constitución, a 325 km de onde estávamos, já rumo a Santiago. Na cidade, entrevistamos o senhor Agustín Rivera, um pescador que perdeu sua casa, seu frigorífico e sua distribuidora de peixes, com a cheia do rio após o tremor.

No início de setembro de 2010, iniciamos a edição do documentário. Na seleção do material que seria usado, desenvolvemos o primeiro roteiro que iríamos utilizar como base para elaborar o vídeodocumentário. Outra questão foi a tradução e legendagem. Para que a tradução saísse de forma correta, pedimos que a chilena Daniela Barañao, prima da integrante do grupo, Leticia Born, ouvisse as entrevistas e nos ajudasse nessa parte.

Depois de realizar todos esses trabalhos, em pouco menos de três meses de edição, conseguimos terminar nossa peça do jeito que queríamos e acreditávamos ser a melhor maneira de realizar nosso objetivo do trabalho.



6. CONSIDERAÇÕES

Após visitar o Chile, em julho de 2010, foi possível notar que a capital, Santiago, é substancialmente mais estruturada e preparada do que as outras regiões do país. Portanto, quando o terremoto ocorreu, a capital não se abalou por completo, em comparação às cidades que foram percorridas: Dichato, Talcahuano, Concepción, Constitución e Penco.

Foi impressionante constatar que após cinco meses da catástrofe, foi possível se deparar com casas e destroços ainda intactos, como se o acontecido tivesse sido “ontem”. Em todas as visitas às cidades da região sul, era visível alguns prédios, tão danificados, que estavam marcados para serem demolidos, e que podiam desabar a qualquer momento.

Os relatos dos desabrigados mostram que o governo chileno agiu rápido em parceria com a ONG *Un techo para Chile*, na construção de 40 mil casas de emergência, as *mediaguas*. Porém, ainda é possível encontrar aqueles que estão morando com familiares, sem opção nem condição de moradia própria. O próximo passo seria a construção das casas definitivas, mas com relação a isso, ainda não houve nenhum comunicado oficial. As famílias esperam.

Outra questão que foi possível constatar é a valorização de uma reportagem extensa e profunda, em comparação a uma notícia, vazia de sentido e humanização. Sabendo que, na vida prática e na correria das redações jornalísticas, o tempo e a verba suficiente para realizar reportagens grandes, como é o caso do documentário *Arriba Chile*, não é possível com frequência, foi gratificante perceber que, não só os próprios personagens se sentiam homenageados com o trabalho que estava sendo feito, mas que em qualquer missão jornalística que se tenha, a importância de escutar, com olhos e corações abertos a todos os envolvidos, é a maior lição aprendida.

Outra observação que foi possível fazer é a capacidade de união de um país perante uma crise. Por todos os locais visitados durante a gravação das imagens para o vídeodocumentário, bandeiras chilenas estavam presentes, representando a esperança e a perseverança de uma nação despedaçada.

Por fim, a oportunidade de viajar para realizar uma reportagem trouxe uma experiência que não só será incorporada à vida profissional, mas também à memória de vida. O fato de correr atrás de entrevistas e passar por complicações em língua estrangeira trouxe



amadurecimento e lembranças importantes. A jornalista da TV Globo, Lília Teles, designada para fazer a cobertura do terremoto, ocorrido no Haiti em janeiro de 2010, ressaltou em Congresso da ABRAJI, em julho do mesmo ano, a importância da experiência internacional: “uma vivência como essa não sai da agente. A gente fica completamente envolvida com aquilo.”, afirmou. (CONGRESSO ABRAJI, 2010, online) A sensação transmitida por ela é compartilhada com os momentos vividos pelo grupo.

7. REFERÊNCIAS

7.1 Referências bibliográficas

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2007. 207 p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005. 270 p.

7.2 Referências da internet

A ELOGIADA economia chilena ante sua prova de fogo. **Correio Braziliense**, Washington, 2 mar. 2010. Disponível em:
<<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/182/2010/03/02/mundo,i=176994/A+EL+LOGIADA+ECONOMIA+CHILENA+ANTE+SUA+PROVA+DE+FOGO.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

CHILENOS tentam recomeçar a vida após terremoto. **Meio Norte**, Santiago, 9 mar. 2010. Disponível em:<<http://www.meionorte.com/noticias,chilenos-tentam-recomecar-a-vida-apos-terremoto,94240.html>>. Acesso em: 04 abr. 2010.

MARCELINO, Emerson Vieira. Desastres naturais e geotecnologias: conceitos básicos. **Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais**, São José dos Campos, 2008. Disponível em:
<<http://mtc-m18.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtcm18@80/2008/07.02.16.22/doc/publicacao.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2010.